

VERSÃO **E-BOOK**



*edição*  
**fac-símile**



**expresso**  
*instante*

Júlio Perez

*méritos*  
editora



**expresso**  
*instante*

*Júlio* Perez

VERSÃO 

Passo Fundo

2021

*méritos*  
editora

© 2006 – Versão livro em papel

© 2021 – Versão e-book / PDF

*Livraria e Editora Méritos Ltda.*  
*Rua do Retiro, 846*  
*Passo Fundo, RS, CEP 99074-260*  
*Fone: (54) 3313-7317*  
*Página na internet: [www.meritos.com.br](http://www.meritos.com.br)*  
*E-mail: [sac@meritos.com.br](mailto:sac@meritos.com.br)*

*Charles Pimentel da Silva*  
*Editor*

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998. Partes deste livro podem ser reproduzidas, desde que citados o nome do autor, o título da obra, a editora e os demais elementos de identificação que conformam os padrões da ABNT.

---

P438e Perez, Júlio

Expresso instante: poesias / Júlio Perez.

- Passo Fundo: Méritos, 2006. - 96 p.

1. Literatura brasileira - poesia I. Título

CDU: 869.0(81)-1

---

Catálogo na fonte: bibliotecária Marisa Miguellis CRB10/1241

ISBN de 2006 – versão em papel: 978-85-89769-27-5

ISBN de 2021 – versão e-book: 978-65-89009-08-5

*Impresso no Brasil*



*Ao antigo grupo Momento Poético  
e, em especial, aos poetas  
Anderson Gassol Dozza,  
Carlos Javel do Vale (in memoriam)  
e Lygia Casado Brasil  
pela inspiração e incentivo  
nessa jornada solitária da  
criação literária.*





*Penetra surdamente no reino das palavras.  
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.  
Estão paralisados, mas não há desespero,  
há calma e frescura na superfície intata.  
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.  
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.*

*Tem paciência, se obscuros.  
Calma, se te provocam.  
Espera que cada um se realize e consuma  
com seu poder de palavra e seu poder de silêncio.  
Não forces o poema a desprender do limbo.  
Não colhas no chão o poema que se perdeu.  
Não adules o poema. Aceita-o  
como ele aceitará sua forma definitiva e  
concentrada no espaço.*

*Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?*

(Extrato de *Procura do poema*, de Carlos Drummond de Andrade)



## Sumário

Alma.....	11
Domingo.....	13
Sons da noite.....	14
Previsões do tempo.....	15
O avião.....	16
Vazamento.....	17
Pintura.....	18
Sapato vermelho.....	19
Tijolos.....	20
A ameixeira.....	22
Solidão.....	24
Insônia.....	26
Poeira.....	28
Bêbado.....	30
De homens e bolachas.....	32
Dormir é como morrer.....	33
Mão.....	34
O mate.....	36
Mão sem dedos.....	38
Educação.....	40
O homem nu.....	41
Origens.....	42
Tarde.....	44
Vento criança.....	46
Sur.....	48

Lixo .....	49
Solitário trovador .....	51
Procissão .....	53
Na cidade dos ocupados .....	55
O homem de gesso .....	57
Rio morto .....	59
Bunda de fora .....	61
Na casa paterna .....	63
Amiga poeta .....	67
Navio fantasma .....	68
Interrogações.....	70
Sinistro .....	72
Poetas amigos .....	74
Todas as vozes .....	75
Amizade .....	77
Estados de consciência .....	78
Cuco .....	79
Momento .....	80
Poema programa .....	81
Irremediável .....	82
Rotina .....	83
Chimarrão .....	84
O gozo .....	85
O prosaico dos dias.....	87
Passarinho .....	88
Prisioneiro .....	89
Poeminha de amor .....	90
Bloco de notas.....	91
Tempo .....	93

## Alma

Às vezes  
a nostalgia...

A alma  
como se recordasse  
outro espaço  
outro tempo  
outro estado.

A alma  
quando ainda nem nascemos  
e vagava  
vagava no vento  
vagava nos coqueirais  
vagava no tempo  
tempos ancestrais  
e a alma que hoje temos  
não fosse mais  
que uma pálida cópia de outros dias  
quando nos bate a nostalgia  
esse banzo do Jamais.

Somos o infinito  
de vez em quando revelado  
nesses rasgos da alma

nessas agonias  
quando o espírito espreita  
do lado de lá  
e já não lhe basta mais o dia  
a monotonia do seu estado atual.

Quer navegar!

## Domingo

Chove!

A tarde é vadia.

Primavera  
os pássaros cantam  
de modo especial.

Chove mui lentamente.  
É possível ouvir  
o respirar do mundo.

Bom que a semana terminou!

Quando Deus descansou  
ele sabia o que estava fazendo:  
dando aos homens  
a oportunidade de serem quem são:  
homens tão somente.

## Sons da noite

**N**os sons da noite  
há muita indefinição.  
Como as sombras  
que tornam tudo mais incerto  
os sons da noite  
são cheios de imprecisão.  
Cães que latem sem motivo  
insetos que emitem novos sons  
corujas  
morcegos  
– um ruflar de asas  
há pouco passou por aqui –  
e o ronco despropositado dos motores.

Os sons da noite são um desafio  
a quem os queira decifrar.  
Ameaçam-lhe  
a vida  
o tino  
a razão.

Os sons da noite são o pulso.  
Das trevas  
  
o coração.

## Previsões do tempo

O dia muda de cor  
ao sabor  
do vento que anuncia  
no ar  
a chuva da meteorologia.

Como o clima  
dentro de mim  
esfria  
e espera também  
do Impossível  
a alegria  
que não vem.

Pois como eu  
segue a monotonia  
das programações  
que fizeram de si:  
amanhã vai chover  
e fazer frio.

## O avião

A aproximação de um avião  
é como as preliminares de um ato:  
sutil e cauteloso  
suave e cuidadoso  
do ponto que tem em mira.

Traz consigo  
toda a história  
das terras de onde vem  
dos Longínquos e da Distância  
do Desconhecido  
até a penetração...

na pista.

O primeiro contato das rodas  
com o chão  
a extrema fricção  
os rangidos e  
estalos  
são apenas  
a antecedência da calma  
que se instaurará:

o avião pousou!

## Vazamento

**E**m casa  
havia um vazamento.  
Corria de noite  
corria de dia.  
Não sei de onde vinha  
nem para onde ia.  
Dava-me nos nervos  
de vez em quando  
quando acordava de noite  
ou cedo demais  
e não mais dormia.  
Eu não sabia  
de onde vinha  
nem para onde ia.  
Mas aquele vazamento  
subterrâneo  
escondido  
era como a vida de mim  
que se esvaía.

## Pintura

No prédio ao lado  
que não gostaram da cor  
pinta de novo e outra  
o pintor.  
No sobe e desce dos pincéis  
rolo e tinta fresca  
a cor nova  
devorando a antiga  
e eu a sonhar  
que possa pintar  
tudo de ruim  
que houver em minha vida.

## Sapato vermelho

**N**a ponta do salto  
sapato vermelho  
o encaixe perfeito  
do nosso amor.

**N**o corpo  
nem mais um peça  
no entanto te veste  
melhor  
que qualquer vestido.

**A**ltura a mais e  
essencial  
sem a qual  
o amor não acontece  
nem seria igual.

**E**spelho  
e o medo de ser descoberto.

**S**apato vermelho  
satisfazes a nós dois!

## Tijolos

Toda a leveza de um ato  
e o peso  
de matéria tão densa  
com que se erguem  
paredes  
e se protege de fora  
quem os atira  
tijolos!

Força e sutileza  
em só fazê-los voar  
até o alto  
onde outro os agarra  
e  
em cada um  
o toque infinito das suas mãos:  
há toda uma carga por levantar.

Um por um  
vão se fazer conhecer  
dessas mãos  
no ato de as construir  
– casas  
apartamentos  
e mansões –

onde depois  
elas vão habitar  
sabendo que em cada tijolo  
dessas paredes  
há um pouco dessas mãos.

Contaminamos  
de humano  
tudo o que tocamos  
tijolos  
ainda que matéria tão densa  
ou tão singelo ato  
de os atirar.

## A ameixeira

Uma árvore  
carregada de frutos  
é como uma mulher  
querendo ser possuída.

É uma alegria ver  
que a ameixeira  
pela qual todos os dias passei  
desejosos dos frutos que tinha  
foi aproveitada por alguém.  
Galhos quebrados pelo chão  
indicam-me isso.

Já eu  
cidadão bem comportado dessa urbe  
não posso me dar  
a esse desfrute:  
subir em seus galhos  
comer seus frutos  
não é mais  
coisa para mim.

Só alguém  
como um criança  
pode se deliciar com os prazeres  
frutuosos que tem.

Quanto a mim  
só resta  
me alegrar  
que esse alguém  
tenha sido feliz  
e feito feliz  
essa árvore  
que embora tenha tido  
seus ramos partidos  
sente-se nela  
a satisfação  
de ter sido  
violada.

Como a mulher  
enfim  
depois de amada.

## Solidão

À noite  
escuto passos na calçada.  
Molhada pela chuva  
fá-los ressoar.

A cidade dorme!  
(Todos já foram dormir).

Para mim  
ainda é cedo.  
Para minha alma inquieta  
o silêncio da hora me contagia  
torna-a mais interessante  
e extasia  
quem acordado está  
e medita  
no Sim e  
no Não  
dessa vigia.

Passos na calçada...  
Quem será?

Um companheiro de jornada?

Que nada!

Apenas alguém  
que volta tarde para casa  
extraviado da manada  
e torna rápido  
e indiferente  
ao ritmo das Coisas.

## Insônia

Quando o sono não vem  
a cama torna-se flagelo.  
Enrolo-me nos lençóis  
amarfanho-os demais  
tanto  
que a arrumadeira já deve ter percebido  
a noite de insônia que passei.

Acordo com um acre odor nas mãos  
– ácido no sangue  
resíduo da transpiração.

Lavo-me desse cheiro  
dessa noite  
desse descanso (in)descansado  
dessa noite de forçado  
obrigado a esperar  
o amanhecer.

Nada me atormenta.  
Nem dinheiro  
nem trabalho  
nem mulher.  
Apenas minha condição diante da vida.  
Algo que vem de fingida  
forma de se insinuar.

Uma boba inquietação  
e pronto!  
Lá se foi  
mais uma noite  
mal dormida.

## Poeira

Luto com a poeira  
da maneira mais vã  
tão logo dela se devia  
minha atenção.  
Quando menos se espera  
lá está ela:  
sobre o livro aberto  
– não lido –  
sobre a estante dos livros  
– por ler –  
sobre meu trabalho  
– abandonado.

Que impertinência!

A me chamar a atenção  
sobre tudo o que devia  
ter feito  
e que até então  
não me veio inspiração.

Poeira  
a presença do nada  
a rondar minha vida.  
Promessa de extinção  
quando aqui  
não mais estiver.  
Reinará absoluta  
sobre tudo o que é meu:

afetos  
amores  
ódios  
e terrores.

Queres antecipar  
essa precipitação?

## Bêbado

Com quem conversa um bêbado  
quando bêbado e sozinho?

Gesticula  
faz trejeitos  
esgares e  
caretas  
mas ninguém o ouve.  
Desabafa  
briga  
contemporiza  
fala manso  
mas ninguém lhe escuta.  
Se altera  
soca o ar  
considera  
pensa alto  
clama por atenção  
mas ninguém lhe atende.

Um bêbado  
quando bêbado  
é engraçado  
porque perde toda noção  
do ridículo e  
fala sozinho  
quando só  
na mesa do bar  
o dono impacienta por fechar.

Na rua  
quando trôpego  
alterca consigo mesmo.

Um bêbado é ridículo  
porque ninguém lhe escuta.

Mas isso não impede  
de a paz repousar  
em seu coração  
quando  
cansado  
volta para casa  
com a nítida sensação  
de ter contribuído  
para a solução

de todos os problemas do mundo.

## De homens e bolachas

**D**e depois de dias  
lembrei de concordar:  
"Boa a bolacha de que me falaste!"

O que me respondeu  
no entanto  
fez-me crer que  
já não pensava mais o mesmo.

Tinha feito novas descobertas  
adquirido outros gostos  
visto o defeito dos antigos  
enjoado deles.  
E sem o perceber  
tínhamos perdido a  
oportunidade

de comunhão.

## Dormir é como morrer

**D**ormir é como morrer:  
é para poucos!  
Não são todos que o sabem.  
Pois dormir  
como morrer  
implica ter vivido  
e plenamente.  
Quando não  
a mente não consente  
o sono  
o repouso.

Descansar do quê  
se não se fez nada?

Dormir...  
morrer...  
descansar.

Nem a todos é consentido.

É preciso ter vivido.  
É preciso ter tido  
coragem  
brio  
ardor.

Morrer  
exige amor.

Ter amado  
ter vivido...

## Mão

Mão que em tudo tocas  
fazes tudo que te pedimos.  
Já da tua limpeza  
não posso dizer tanto  
por mais que te lave.  
Pois é sempre a mesma mão  
que bolina e acaricia  
prepara a comida e se limpa.

Mão  
sempre a mesma a executar:  
sentença de morte e  
do ventre a libertar  
a vida que nasce.

Às vezes tão vilipendiada  
outras vezes  
nossa escala de redenção.

Mão que afaga  
mão que espanca  
mão que tira e que dá.  
Mão que eleva e diminui.  
Escrava cega de nossas paixões.

Que tens a ver conosco?

Conservas  
não obstante  
a dignidade da serva  
calada e terna  
ainda quando te enfiemos  
na merda.

Não tens do que te envergonhar!

## O mate

**S**ozinho

penso que alguém me acompanha  
no mate que encho inúmeras vezes  
pra mim mesmo.

Sozinho

travo um diálogo  
comigo mesmo  
propiciado pela oportunidade  
de dividir um amargo  
co'esse amigo inexistente.

Encho mais uma cuia  
nesse momento imaginada  
pra meu irmão.

Tomo infinitamente  
de novo  
e sempre  
até me fartar.

Só então dou-me conta  
da solidão  
sozinho  
tomando chimarrão.

Amargo criado  
para as rodas  
para a divisão.

O amargo da vida  
entre todos  
dividida  
torna mais fácil  
a vida  
  
e a digestão.

## Mão sem dedos

Uma mão sem dedos.

Mutilada!

Uma garra!

E pai de família  
ainda tanto por fazer...

Uma mão  
duas.

Porque numa  
em que faltava quase todos os dedos  
– restavam apenas dois –  
noutra  
não pude ver direito  
faltava também o polegar.

Que máquina infernal teria feito aquilo?  
Devorado os dedos de ambas as mãos?

E via-se nele tal obsessão  
que era triste perceber como ainda  
poderia perder  
os que restavam.

Decerto  
as bocas por alimentar  
não iam sossegar  
com apenas aqueles dedos

de aperitivo.

## Educação

Escuto de manhã

na escada

alguém que cumprimenta a outro

tão educadamente

que a gente fica tentado

de repente

chegar e lhe dizer:

– Sabe moço, estou com um problema, assim, assado –  
só para ver o que iria acontecer.

Decerto não demoraria muito

para aquela educação

dar lugar a qualquer evasão

tal como:

– Sinto muito!

– Estou com pressa!

– Mas o que eu tenho com isso?!

E o desperdício

seria inevitável.

Por isso prefiro

atitudes como as que possam sustentar.

Até as últimas consequências.

O resto é verniz,

inútil ilusão

a não resistir ao menor arranhão

da realidade.

Excesso de educação

nem sempre corresponde

à verdade.

## O homem nu

Um homem se despe das suas roupas  
Um homem se despe do seu orgulho  
Um homem se despe da vaidade  
intolerância  
arrogância  
incompreensão  
descaminhos  
desamor.  
Um homem se despe.

De quantas vestes  
pode um homem se despir?  
Até onde pode chegar  
seu mais radical desnudamento?

Só a alma é virgem das roupas que não usa  
e o desnudamento mais completo é aquele  
que expõe a própria alma.

Um homem se despe do seu corpo.  
Um homem veste a sua alma.

Um homem só se despe na própria morte?

O homem nu e a morte.

Um homem se despe da vida.

A vida  
uma mentira?

## Origens

Tão delicado  
ninho de abelhas mirins  
incrustado no muro  
onde o movimento das ruas  
só me fez perceber  
que sempre estiveste ali  
quando algum imprevisto  
faça me deter  
diante de ti  
de outra maneira  
tão despercebido  
por causa de todos os nossos  
interesses  
ocupações  
pressa  
humana  
desumana.

Há um mundo a nossa volta  
que passa despercebido.  
Mundo das coisas belas e pequenas  
e das grotescas também.  
Mundo do qual todos os afazeres do dia  
nos afastam  
fazendo-nos perder a sustentação  
a ponto de supormos  
poder flutuar.

Caímos no chão  
com grande estrondo e barulheira  
nos sentindo estranhos num mundo  
que devia ser nosso  
não fosse há muito  
termos dito a ele  
o mais radical

**NÃO!**

## Tarde

Sobre o meu céu  
correm pombas  
na tarde serena e quente.  
Que terras demandam?  
Que outras paragens buscam  
que tão bruscas  
possam num átimo parar  
e identificar  
ali  
qualquer imponderável  
que as faça se deter?

Minha cabeça dá voltas  
e meus sentidos se embriagam  
com o que vem de fora  
nesta tarde  
serena e quente.  
A percepção de tudo  
se torna mais lenta  
como se um ópio embaralhasse meus sentidos,  
– de qualquer tóxico embriagado –  
e esta tarde já não fosse bastante  
para me embriagar.

E o é!

Tarde

serena e quente de sábado.

As crianças brincam lá embaixo nos balanços

a música toca no rádio

e o mundo todo

por um momento

parece se suspender

em um suspiro de Deus

no momento em que este

também ele entorpecido

por esta tarde serena e quente

tira uma soneca.

Ameaça acordar e de imediato

devolver os homens a suas dores

por enquanto suspensas

nesta tarde

serena e quente.

## Vento criança

Há um vento que sopra  
não sei de onde.  
Chega de repente e  
espalhafatosamente  
batendo portas e janelas  
derrubando coisas  
com mãos de vento  
desajeitadas.  
Faz-se mais presente do que desejável  
revira meus cabelos e pensamento  
levando-me nas piruetas com que  
invade as casas.  
Descobre corpos e amores  
cheiros e suores  
por trás das voltas que o olhar  
não pode dar.

Quisera ir contigo  
vento-criança  
arrebatar-me nas ondas  
com que arejas o dia  
acrescentando uma nota de puerilidade  
na tarde que se entrega fácil  
ao fastio e à preguiça  
das coisas velhas e cansadas.  
Limpas o ar e as almas  
estás em toda parte  
chegas de repente  
de todas as direções  
pega-nos de surpresa.

Tornas o dia o que é:  
agradável tarde de sol  
março e domingo  
outono batendo à porta.

Vento de outras eras.

Vento de novos ares.

## *Sur*

Um ar glacial que sopra  
não sei de onde  
e não desiste de soprar  
o dia inteiro  
regelando até o mais íntimo dos ossos.

Uma sombra que congela.

Um Sol tênue  
fraco demais para desinrijecer os músculos  
já compactados por tantos dias desse ar glacial.

Esse é o universo do Sul  
ao sul do Brasil  
e que já se tornou até uma categoria do ser:  
*o Sur!*  
com todas as peculiaridades  
que só quem viveu no sul  
e sentiu o Minuano a lhe varar o corpo e o espírito  
pode dizer o que isso significa.

O *Sur* é uma categoria do ser  
que engendra os fortes!

## Lixo

Ao andar pela rua  
encontrei alguém  
que comia do lixo.

Ao olhar para mim  
seus olhos desviaram-se  
dos meus.

Por medo?  
Por vergonha?

O que viram nos meus olhos  
os seus  
antes de os ver  
os meus?  
Já tinham os seus  
as dúvidas que agora  
os meus  
neles viam?

Decerto a decisão  
de comer do lixo  
quando a tomou  
os seus  
já tinham se anuviado  
perdido o brilho  
o ardor..

Um pouco da vida que se foi  
com a fome que o obrigou  
a buscar no lixo  
o que não encontrou  
  
em nenhum outro lugar.

## Solitário trovador

A estátua do Teixeira  
canta sozinha  
voltada pro Oeste  
ao pôr do Sol  
da Avenida Brasil  
em Passo Fundo.

Alheia  
ao movimento da ruas  
que a ignoram também  
há anos  
essa estátua de ferro  
– só de ferro mesmo para aguentar –  
canta sozinha  
todos os dias  
para o Sol que se põe  
no meio da Avenida  
turbilhonada  
Brasil  
nessa cidade onde surgiu  
e já não o reconhecem mais.

Oh, vida ingrata de trovador!  
Até após a morte é difícil viver  
do amor desse povo  
que o ignora  
até quando chora  
imobilizado na praça

nesse gesto final  
de cantor:  
tocando viola  
ao Sol que o devora  
nesse fim de tarde

de verão.

## Procissão

**P**rocissão de carros  
volta para casa.  
Persigo a fileira de carros  
que se estende em sinaleiras  
até o centro da cidade.  
Viajo nesta volta como quem não pensa  
no que faz.  
Igualzinho ao que faço todos os dias:  
sem pensar nisso!  
Há um dia, porém,  
em que nos surpreende uma emoção  
diferente  
do que normalmente nos acontece  
e nos pomos melancólicos  
a pensar precisamente  
que todos os dias fazemos isso:  
voltamos para casa depois de um dia cheio  
e nos sentimos mais vazios  
do que quando saímos.  
Como quem foi roubado  
e ainda não se deu conta  
do que lhe levaram  
ficando só com a sensação  
de que lhe falta alguma coisa  
sem saber ainda precisamente  
o que é.

Volta para casa.

Seguimos a rota em procissão  
– ninguém se desvia do caminho.  
Temos a sensação de que somos levados  
mais do que nos levamos  
e que só quando nos precipitarmos  
goela adentro  
desse monstro – cidade –  
encontraremos o nosso lugar  
como o musgo encontra o seu:  
agarrado na pedra  
à beira do precipício  
escutando todos os dias  
o mar rugir aos seus pés.

Ao menos  
pensamos reconfortados  
não há de ser hoje  
que esse mar  
nos tragará.

## Na cidade dos ocupados

**N**a cidade dos ocupados  
todos cuidam  
dos interesses  
que(m) os têm.

**Já eu**  
que não os tenho  
desocupado observador  
posso a tudo ver  
sem me prender  
– a nada.

**E o nada**  
é tudo  
que me permite ver  
o que os outros  
já não vêem:  
o vazio das suas vidas  
que precisam ter  
diante dos olhos  
diante das mãos  
o que lhes ocupe  
a razão  
o ser.

**Já eu**  
posso por aí flunar  
sem medo de flutuar  
e me desprender  
como um balão

– a alma  
o tino  
a razão –  
e não saber mais  
quem sou.

Oh, mundo volúvel  
que sempre tem de oferecer  
uma nova atração  
diversão  
ilusão.

Até quando  
vai nos manter

desacordados?

## O homem de gesso

O homem de gesso  
anda pelas ruas.  
Mal consegue ver o que  
se passa a sua volta  
pois mal consegue olhar  
para sua esquerda e a sua direita  
com o gesso  
que lhe puseram no pescoço  
sobre os ombros  
em seus braços  
no seu torso.  
Suas pernas se arrastam  
e seus braços parecem pêndulos de ferro  
ao longo do seu corpo  
engessado.  
Todo ele é um molde de gesso  
onde  
o que há de pior na cidade  
vem se depositar.  
Camadas e camadas  
de perda de autenticidade.  
Camadas e camadas  
de um arrancar-se de si.  
O homem de gesso  
caminha na cidade  
através dos seus corredores de  
concreto e  
túneis de aço

à procura de qualquer coisa  
como um martelo  
que o estilhace de dentro  
dessa prisão.

Uma mão pousou em seu rosto.  
Um estremecimento percorreu seu corpo.  
O gesso rachou  
um raio de luz entrou.  
O ar tornou-se menos denso.

Há alguma esperança  
para o homem de gesso na cidade?  
A mão que o afagou  
só ela

pode dizer.

## Rio morto

(Ao Rio Passo Fundo)

**M**arulhas  
mas não enganas:  
estás morto!  
Rio de todas as águas  
profundidade comezinha  
de quem atulhado  
mal consegue ver o caminho  
através das águas turvas  
nas curvas que faz.  
Juntas todo o rebotalho  
que o trabalho  
– a faina inútil de todos os dias –  
acumula e faz de ti lixeira.

Tuas pedras  
confundem-se com latas;  
tuas margens incertas  
têm capim  
– até demais.  
Sobre as quais  
às vezes avança  
ponta de lança  
a alcançar quem o maltrata  
o malbarata  
com túneis, canais e desvios  
enquanto o que há de bom nos rios  
– peixes e água limpa –

ninguém consegue ver.  
Pescar de tuas margens  
namorar molhando os pés  
lavar em ti a roupa  
que de tão pouca  
não consiga te poluir  
antes nos faça cheirar à natureza  
das profundezas de onde vens  
cantando desde as fontes  
*“habitando a distância de ermos  
montes onde os momentos  
são a Deus chegados”*.\*

E como criança avança  
cidade adentro.  
Vai de todos recebendo o que há de pior  
– incurável desamor  
de quem até os filhos  
sabe desamar.

Nos Longes da cidade  
por onde sais e te vejo passar  
já não vais mais cantando  
nem marulhando.

Vais embora a chorar.

---

\* Trecho do poema *Meu pensamento é um rio subterrâneo*, de Fernando Pessoa.

## Bunda de fora

**B**unda de fora  
de um quase mendigo  
jovem ainda  
jovem disposto  
para se entregar  
a tanto desgosto.

Caminha errante  
forte  
destemido.  
Parece bravo com alguma coisa  
que lhe fizeram  
com o mundo  
com a vida.

Esbraveja  
disposto a tudo.  
É forte ainda!  
A vida nas ruas  
não o abateu  
mas um talho nas calças  
na parte de trás da coxa  
na altura das nádegas  
transversal  
deixa-lhe à mostra  
uma parte da bunda.  
Não ela inteira.  
Um só pedaço seu.

Uma lua crescente.  
E definitivamente  
é impossível não rir  
às suas costas  
do talho que lhe mostra  
a parte mais frágil  
do seu frágil existir.

A vida nas ruas  
ainda não lhe venceu

mas já começa.

## Na casa paterna

Na casa do meu pai  
quando era jovem  
cortava a grama  
todos os dias.

Eu era o último dos filhos  
– homens –  
de uma série  
que cedo tinha saído de casa.  
E como ainda não trabalhava  
ocupava a força viril  
que meu pai via nascer em mim  
no trabalho de cortar a grama.

Foi assim durante alguns anos  
– não sei quantos –  
em que vivi os meus melhores anos.

Cortando grama  
adolesci.  
Escutei som  
sem camisa  
da porta de casa.  
Tive minha primeira conversa  
de homem  
com o vizinho  
– pai de um amigo meu.

Cortando grama  
recebi a visita do diretor  
e o meu primeiro emprego  
– Banco do Brasil  
Menor Estagiário de Serviços Gerais –  
mal sabendo eu  
o que isso significaria para mim.

Um dia percebi  
no caminho que ia pro mato  
caminho de grama  
com pedras à guisa de calçada  
que a grama que nascia ali  
já não podia mais ser cortada.

Uma força brutal  
e irresistível  
daquele caminho  
a caminho do mato  
agreste e rural  
já não podia ser vencido  
pela tesoura e pela máquina  
com que eu aparava  
a grama domesticada  
dos outros pedaços.

Em alguns pontos  
ela sobrava  
tomava-se difícil  
a controlar:  
o tempo passava

eu crescia  
as coisas mudavam  
e eu sabia  
que em breve  
tinha que me despedir.

Não sabia  
que por tanto tempo!

Eu me afastaria desses anos  
– os melhores que já vivi –  
e a liberdade para mim  
era a camisa perdida  
em qualquer canto do terreno  
o som na porta de casa  
e a vida  
a me sorrir  
– cheia de novidades.

Aquela imagem  
da grama agreste  
incontrolável ao meu cortar  
resistindo a mim  
dominando as pedras do caminho  
num ponto indefinido  
entre o mato e o jardim  
não sabia eu que finalmente  
ela ia me vencer.

Eu me afastaria dessa faina  
entraria na vida

que me levaria pra longe  
e ela  
essa grama indominada  
cresceria livre  
da minha intervenção.

Marcaria  
o ponto exato  
em que eu jamais seria o mesmo  
e o rumo  
que eu pretendia dar a tudo  
  
fugiria de mim.

## Amiga poeta

(À amiga poeta Ana Carolina  
Martins da Silva)

Há uma amiga  
que me mostra poesias  
composições  
versos  
melodias  
de palavras  
pedaços de vida  
tirados daqui e dali  
pinçados da rotina.

Um coração que bate  
ao ritmo da beleza  
compassado das coisas  
do que realmente vale a pena  
"se a alma..."

E há nela  
tal entusiasmo  
contagante  
que a gente  
de radiante  
raiano da alegria dela  
quer também fazer  
composições  
versos  
melodias  
com o que nos oferece o dia  
  
com o que nos oferece ela.

## Navio fantasma

(Por ocasião do desastre do  
navio Bahamas, ocorrido em 1998,  
no porto de Rio Grande – RS)

**A**rrasta-se a estas horas um monstro  
gigante de asa partida  
demônio a cuspir de si  
detritos.

Os homens o criaram  
os homens o condenaram.  
Usaram  
abusaram de si.

Fraquejou!

O ácido comeu suas tripas  
exterminou o mar  
a sua volta.  
Famílias passaram fome.  
Foi odiado com o ardor xenófobo  
por todos aqueles que  
o deixaram entrar.

Agora que tem as tripas reviradas  
nada mais tem a fazer.

Arrastam-no, navio maldito,  
para o alto mar.  
Lá o sepultarão as águas  
que tantas vezes  
si(a)ngrou.  
Recebe-o ao menos o mar  
generoso  
como um deus perdido  
proscrito em suas águas abissais.  
Serás a morada de peixes  
anêmonas nascerão de ti.  
Terás a graça das profundezas  
vais resgatar a tua culpa  
– que nem tua é:  
devolver ao mar  
a vida que retirou.

## Interrogações

**P**ara onde vão todos os carros  
que se perseguem  
nas ruas de Porto Alegre  
já tão congestionadas  
de tudo  
que nossa pressa  
têm posto ali  
à guisa  
de buscas desencontradas  
pedidos desatendidos  
esperas desesperadas?

Todos os carros  
perseguem um objetivo  
tão certo  
nas suas vidas  
de máquinas volantes  
que é inevitável  
que os persigamos também.

Vamos a toda parte  
onde os encontramos.  
Persequimos os piores  
congestionamentos  
porque só eles  
têm as respostas!

Mas de repente,  
eis que surpresa:  
encontre-me só  
numa rua escura  
onde todas as buscas  
se acabaram.  
Parece que ninguém  
já tem mais perguntas a fazer  
– a rua se acabou.

Que lugar é esse onde vim parar sem  
razão?

– Por favor, uma informação!

– Que informação, meu? Tu acha que eu  
sou guarda de trânsito? Vamos logo,  
desce daí, seu bacana! Ou quer levar um  
tiro nas fuça?!

Pah!

Um estrondo na noite.

Alguém que responde  
à última interrogação.

## Sinistro

**D**esperto lentamente para o mistério  
essencial das coisas  
como quem acorda de um pesadelo depois  
de haver suado tanto.

Não desfruto, no momento que passa, da  
graça primaveril da vida  
pois meus olhos estão vendados.

Permaneço em silêncio como quem diz uma  
prece.

Disfarço o meu arrependimento diante dos  
meus inimigos.

Até a manhã  
que o dia traz nova aurora.

O céu, por cima da minha cabeça,  
adquire tons pastéis  
por causa da tempestade que se aproxima.

Anuncia-se no vento  
que vem das plagas argentinas  
como a cavalo  
nos velhos tempos.

De repente estou sozinho no meio do campo.

Houve a cessação de tudo.

Além da barra  
a sensação de não haver mais ninguém.

Angustio-me ante a opressão da espera.

## Poetas amigos

(Ao extinto grupo de poesia  
Momento Poético de Passo Fundo)

Vou forçar meu verbo  
escrever uma coisa bela  
para ela  
quando sábado vier  
brilhar na seleta  
sala de amigos  
que o amor à poesia  
nos reuniu.  
Náufragos de um mesmo sonho  
sobreviventes da incultura nacional  
dividindo expectativas e emoções  
dos dias que estão por vir.

Brilharemos em mostras?  
Escreveremos livros?  
Não sei!  
De mãos dadas avançamos  
de olhos vendados  
mas seguros  
em direção a um futuro  
que a amizade aplainou.  
Tornou mais fácil o verbo  
nos deu confiança de enfrentar  
um mundo  
que lá fora  
ruge e estruge  
ameaça a tudo devorar.

Começa a se render ao Belo  
que em versos  
viemos dar.

## Todas as vozes

Encho a mente de palavras  
com que depois  
descreverei o dia  
e o que me vai por dentro.

São tantas vozes!

Todos os livros que li  
ecoam em meus ouvidos.  
o seu rumor de grilo na noite  
– fonte que rumoreja.  
Às vezes  
fico paralisado  
na tentativa...

São tantas vozes!

Serão fantasmas?  
Serão duendes?  
Serão anjos ou  
demônios?  
Ajudar-me-ão na inspiração?  
Aproximar-me-ão da vida?  
– ou dela  
me afastarão?

São tantas vozes!

E todas querendo dizer alguma coisa.  
Impossível atender a todas.  
A algumas terei que fazer o gesto de me afastar.

Pois meus olhos estão cansados  
minha mente gira  
e  
de vez em quando  
todos os livros que li  
revistas e jornais  
bulas de remédios  
filmes legendados  
outdoors na estrada  
instruções de proceder  
acodem juntos na mente.

Sinto-me desvairar  
como um louco perseguido por moscas.

São tantas vozes!

## Amizade

**T**inha um amigo  
que julgava  
amigo.

Deixei de o procurar  
por um tempo.  
E o tempo  
que não perdoa  
foi passando  
passando  
passando.

Quando o procurei de novo  
o seu silêncio  
fez-me ver  
que a amizade  
que eu tinha  
era só minha  
e eu vivia  
a me enganar.

## Estados de consciência

**M**eus estados  
de consciência  
alterados  
fazem-me  
supor muitas coisas.

Quase todas impossíveis.

Nem por isso  
tornam-me menor.

Se ver é existir  
basta-me

imaginar.

## Cuco

**M**oto-perpétuo.  
Todos os dias  
a mesma coisa.  
Sou uma máquina  
robô  
relógio  
boneco  
programado  
para todos os dias  
dar as respostas certas.  
Um cuco  
dessa máquina infernal  
de que tiro  
meu sustento  
meu pão  
e em retribuição  
dou de volta  
meu sangue  
minha inspiração  
meu tesão.  
Moto-perpétuo de ser.  
Modo perpétuo de morrer.

## Momento

Há uma hora em tudo  
que a vida torna  
claro e escuro  
como um tiro na noite  
o grito de socorro  
o sangue  
a gaze e o furo.

A noite é um vão  
que se abre no Tempo  
e já não sabes  
se saís do outro lado:  
buraco de proporções ilimitadas.

Te precipitas  
  
mas esperas sobreviver.

## Poema programa

(Sob a inspiração do quadro São Sebastião,  
de Mantegna, pintado em 1455.)

Há um coração atravessado de setas  
em todo peito humano,  
capaz ainda de bater  
apesar  
de todo esforço vão de continuar:  
a teimosia humana de existir –  
invólucro carnal de transcendência.

O sentido pequeno de tudo se reduz à  
" vaidade das vaidades"  
e o mundo é apenas aparência.

Mas que aprendizado!

Viver, a despeito de tudo, ainda é a única  
forma de evoluir.

Não é atrás de sentidos  
no entanto  
que andamos  
pobres criaturas.

Há uma irredutibilidade de tudo que me  
comove  
uma teimosia de ser que me fascina.

E disso  
na medida do possível  
fazemos Arte.

## Irremediável

**D**e pois

é tarde.

O acontecido

irremediável.

Esquecer?

Uma possibilidade.

## Rotina

Um dia animado  
outro dia nem tanto.

Um dia triste  
outro entediado.

Um dia esperançoso  
outro desanimado.

Há um horizonte  
não há perspectiva.

Em todos eles...  
presente!

Os dias  
indiferentes a mim.

## Chimarrão

**C**himarrão,  
faz pensar.

Cachimbo pra quem não fuma  
teu hálito quente induz à meditação.

Amargo  
às vezes como a vida.

Sem o percebermos  
nos pomos a pensar.

## O gozo

O tempo se portou hoje  
como um ardente ato de amor  
cujo gozo demorou tanto  
para chegar.

Foi quente  
ardente  
sombrio.

Ameaçou despejar  
ainda cedo  
seu líquido de amor.

Mas resistiu.

Até tarde!

Até o limite  
dos nervos de todos nós  
que já ameaçávamos  
não mais aguentar.

Quando veio  
– grossa  
densa  
em grandes bagas –

mudou a face da cidade.

Chuva!

Trouxe a paz

por que todos ansiávamos.

O gozo enfim!

## O prosaico dos dias

O prosaico dos dias

o comum

a rotina...

Ah, se minha vida fosse uma aventura  
eternamente movida de cá para lá  
pelo movimento dos dias!

Que maravilha  
seria meu dia!

Que ventura  
meu existir!

Mas poeta não seria  
porque é a poesia  
que me faz

da monotonia me evadir.

## Passarinho

**F**ilhote de passarinho  
caiu do ninho  
voou para aqui  
para acolá.

**N**hac!  
Fez a boca do cachorro  
fechando numa gaiola de dentes o  
animalzinho  
que mal teve tempo de ser um passari-  
nho.

Entre os dentes do cachorro  
estrebuchou.

## Prisioneiro

**H**á lá fora um sol tremendo  
árvores e brilhos especiais  
vontade de flunar  
amar  
na manhã que passa  
alheia a tudo que criamos  
para elidir esse momento.

Estudar  
trabalhar  
preocupar-se com o dinheiro  
a fome  
a peste  
a carestia...

Tudo o que inventamos  
à guiza de civilizados.

Enquanto o que é belo  
só o prelo perpetua  
na voz do poeta  
que grita.

Poucos ouvem!

## Poeminha de amor

**M**eu amor  
era pouco  
e te bastava.

Quando exigiste mais  
não pude corresponder.

O amor se desfez.

## Bloco de notas

Todas as páginas  
de um bloco de notas  
anotadas  
desenhadas  
rabiscadas  
não me impedem de escrever  
meus sentimentos.

Piegas que sejam  
não desisto  
de escrever.

Sei que o tempo  
os consumirá  
com a voracidade habitual  
com que consome  
tudo que tocamos  
no entanto  
escrever é resistir  
não se render  
protestar  
contra a morte  
contra o tempo  
contra o esquecimento  
que contamina  
tudo que existe

tudo que tocamos  
– o que é  
significativo  
pra nós –  
tudo que amamos.

Escrever é resistir.

## Tempo

O tempo joga contra  
ou a favor de mim.

Contra  
quando é curto pra tudo o que espero  
e se esvai num minuto.

A favor  
quando se trai por ser quem é:  
passageiro!

O tempo não pára  
seja bom  
seja ruim.

Por isso  
ao agir assim  
está contra  
ou a favor de mim.





*Júlio Perez, neste “expresso da poesia”, procurou refletir de forma lírica os mistérios e as perplexidades do mundo, sem se tornar de difícil compreensão ao leitor.*

*Na linguagem simples e objetiva do autor nota-se um resgate dos ideais modernistas, desde Bandeira até os contemporâneos Gullar e Romano de Sant’Anna, passando pelo insubstituível João Cabral de Mello Neto.*

*A obra cumpre o papel de incitar a reflexão no leitor, através de um olhar inusitado sobre as coisas e um uso incomum da linguagem, como só os verdadeiros poetas sabem fazer.*

*O editor*

ISBN do livro em papel:

978-85-89769-27-5



ISBN do e-book / PDF:

978-65-89009-08-5

